



**REFLEXÕES, PROPOSIÇÕES E
DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO
DO CONHECIMENTO
ACADÊMICO E CIENTÍFICO
NO BRASIL: 2022**

Carla Dendasck

Cláudio Alberto Gellis de Mattos Dias

Reza Nassiri

Organização

Reflexões, proposições e desafios na construção
do conhecimento acadêmico e científico no
Brasil [livro eletrônico] / organização
Carla Dendasck, Claudio Alberto Gellis,
Reza Nassiri. -- 1. ed. -- São Paulo :
CPDT, 2022.
HTML.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-996464-3-0

1. Ciência da informação 2. Conhecimento
3. Pesquisa científica 4. Publicações científicas
I. Dendasck, Carla. II. Gellis, Claudio Alberto.
III. Nassiri, Reza.

22-140707

CDD-020

DOI: [10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/604](https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/604)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

PARTE I – REFLEXÕES

1.1 COMO SE CONSTRÓI O CONHECIMENTO?

Marina Matos de Moura Faíco

1.2 O CONHECIMENTO BÁSICO QUE NÃO ESTÁ NA BASE

Bruno Marcos Nunes Cosmo

1.3 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E SUAS ORIGENS: DA CONCEITUAÇÃO AOS EQUÍVOCOS

Michele Aparecida Cerqueira Rodrigues

1.4 EM DEFESA DO DIÁLOGO NO FAZER CIENTÍFICO INTERDISCIPLINAR: PROVOCAÇÕES À PSICOLOGIA

*Antonio Luiz da Silva
Diana Sampaio Braga*

1.5 OS ECOSISTEMAS COMUNICACIONAIS: UMA PEDAGOGIA DA DIALOGICIDADE DEMOCRÁTICA NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Tiago Silvio Dedoné

1.6 INTERSECÇÕES ENTRE A COMUNICAÇÃO E A EDUCAÇÃO: TECENDO REFLEXÕES SOBRE A EDUCOMUNICAÇÃO

Tiago Silvio Dedoné

1.7 A QUESTÃO ÉTICA NA CONDUÇÃO DE ESTUDOS EMPÍRICOS QUE ENVOLVEM PESSOAS EM ENGENHARIA DE SOFTWARE

Hugo Leonardo Nascimento Almeida

1.8 A INTERFACE ENTRE PESQUISA CIENTÍFICA E A PROBLEMATIZAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE

Elisandra Villela Gasparetto Sé

1.9 MEMÓRIAS NA CONSTRUÇÃO DOCENTE: A SALA DE AULA COMO PREÂMBULO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

*Alessandra Carla Guimarães Sobrinho
Alexandre Carlos Guimarães Sobrinho*

1.10 REFLEXÕES SOBRE A DICOTOMIA DOS EFEITOS DAS INSTITUIÇÕES REGULADORAS DO CONHECIMENTO

*Carla Viana Dendasck
Euzébio de Oliveira
Amanda Alves Fecury
Cláudio Alberto Gellis de Mattos Dias*

PARTE II - PROPOSIÇÕES

2.1 A REDE MERCOSUL PARA O FORTALECIMENTO DA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: A VIVÊNCIA DE DIFERENTES POLÍTICAS EDUCACIONAIS ENTRE BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA

*Anísio Francisco Soares
Maria do Rosário de Fátima Brandão Amorim*

2.2 PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS DE DISCENTES DURANTE O ENSINO MÉDIO: UMA REALIDADE POSSÍVEL

*Cludio Alberto Gellis de Mattos Dias
Carla Viana Dendasck*

2.3 A CIÊNCIA COMO PROCESSO CRIATIVO NA FORMAÇÃO CULTURAL DE UM PAÍS – DESAFIOS ÀS NOSSAS ESCOLAS

*Andréa Velloso
Luciano Luz Gonzaga*

PARTE III- DESAFIOS

3.1 TRANSIÇÃO DO ENSINO MÉDIO PARA O ENSINO SUPERIOR: UMA ANÁLISE SOBRE OS FATORES QUE INFLUENCIAM NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

*Raimunda Gomes Maciel
Alana da Silva Cruz
Marléa de Nazaré Sobrinho Costa
Eliane Silva e Silva*

3.2 DESAFIOS DA PESQUISA CIENTÍFICA DESENVOLVIDAS NA GRADUAÇÃO NO CENÁRIO “PÓS-PANDEMIA”

*Fernanda Ribeiro Marins
Marcelo Limborço-Filho
Patrick Costa Ribeiro Silva*

3.3 GESTÃO DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES E DESAFIOS NO PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19

*Liana Barcelos Porto
Amilson de Araújo Durans*

3.4 OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO CIENTÍFICA E PENSAMENTO CRÍTICO NO ENSINO SUPERIOR DA ENFERMAGEM

Daniela da Silva Santos

3.5 DESAFIOS ENFRENTADOS NO FOMENTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR (IES) PRIVADAS NO BRASIL

*Walber Goncalves de Souza
Leonardo de Amorim Sathler
Raquel Carvalho Ferreira*

3.6 OS DESAFIOS DO ENSINO DE BIOFOTÔNICA NO BRASIL

*Rosane de Fátima Zanirato Lizarelli
Vanderlei Salvador Bagnato*

3.7 DESAFIOS E ABORDAGENS NO CAMPO DA ARQUITETURA-URBANISMO NA CONTEMPORANEIDADE: O CASO DOS ÍCONES ARQUITETÔNICOS SOB A PERSPECTIVA DE CHARLES JENCKS E JOSEF MARIA MONTANER

Marcelo Sbarra

3.8 OS DESAFIOS DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA DOS ALUNOS DE ENGENHARIA DA FACULDADE ANHANGUERA DE SERRA/ES

Joana Segatto Scabelo

3.9 POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA INCLUSÃO NO CONTEXTO DE ESCOLARES

Marcel Alcleante Alexandre de Sousa

3.10 A COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO COMO BASE PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA – PESQUISA REALIZADA COM ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL

Fábio Peron Carballo

3.11 REFLEXÕES ACERCA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS NO BRASIL

Wenis Vargas de Carvalho

Marcio Hollosi

Lourival José Martins Filho

PARTE IV – EXEMPLOS PRÁTICOS

4.1 AVIFAUNA COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: BASES CONCEITUAIS

Patrick Rodrigues Fleury Cabral

Josué Ribeiro da Silva Nunes

Sérgio Tosi Cardim

4.2 CONHECIMENTO DO USO DE PLANTAS MEDICINAIS DA COMUNIDADE JOAQUIM DO BOCHE, SITUADA NO MUNICÍPIO DE TANGARA DA SERRA – MT

Josué Ribeiro da Silva Nunes

Julieth Almeida de Castro

Rogério Benedito da Silva Añez

Patrick Rodrigues Fleury Cabral

Nasson Delgado de Arruda

4.3 TECNOLOGIA DE SEMENTES NA IMPLANTAÇÃO DE HORTA: UMA PERSPECTIVA SOBRE SUSTENTABILIDADE E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Izael Oliveira Silva

Jackson Vitor dos Santos

Janaína Firmina dos Santos

Gabriel Silvestre dos Santos

Thamara Suzany da Silva Izario

Paulo Henrique dos Santos

Maria Eduarda Gouveia Costa Guimarães

**PARTE V- PROBLEMAS QUE AFETAM A CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO ACADÊMICO E CIENTÍFICOS NO BRASIL, DIRETA E
INDIRETAMENTE**

**5.1 VIOLÊNCIAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: DIREITOS
HUMANOS E LIBERDADE**

Sidelmar Alves da Silva Kunz
Norma Lucia Neris de Queiroz
Josiene Camelo Ferreira Antunes
Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

APRESENTAÇÃO

A construção do conhecimento acadêmico e científico no Brasil apresenta problemas estruturais de origem histórica. No entanto, não se pode negar que em um mundo onde a tecnologia e a velocidade dos acontecimentos, associados as ambiguidades e tensões globais, nos coloca, como pesquisadores e professores, a necessidade de servir como intermediadores, e, talvez emancipadores de uma nova forma de conceber e transmitir esses conhecimentos.

Assim, os desafios agora perpassam tanto pela esfera estrutural, quanto global e pessoal. Nessa obra, que tem como missão tecer algumas reflexões, desafios e proposições sobre o conhecimento científico no Brasil, a partir das experiências e operações realizadas por pesquisadores, professores e alunos.

Esta, está dividida em cinco partes, e, em cada uma delas, é possível fazer uma análise profunda, além, de aprender com aqueles que estão à frente na transmissão do conhecimento acadêmico e científico brasileiro, com olhares e experiências que variam desde o Ensino Infantil, até a Pós-graduação. Desde a reflexão, até o campo prático.

A riqueza do corpo de pesquisadores Multi e Interdisciplinares, que compõem o corpo editorial e avaliativo da Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, é capaz de trazer um valor sem igual para todos aqueles que se preocupam em compreender os desdobramentos que estão sendo realizados, e, que tendem a nortear o futuro do conhecimento.

Boa leitura

Carla Viana Dendasck

1.9 MEMÓRIAS NA CONSTRUÇÃO DOCENTE: A SALA DE AULA COMO PREÂMBULO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

*Alessandra Carla Guimarães Sobrinho*¹

*Alexandre Carlos Guimarães Sobrinho*²

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/737

As memórias na construção docente trazem apontamentos em uma perspectiva mais crítica permitindo a tomada de decisões ao longo do exercício da docência, contribuindo na produção do conhecimento científico, pois segundo Nóvoa (1988, p. 129), “formar não é ensinar às pessoas determinados conteúdos, mas sim trabalhar coletivamente em torno da resolução de problemas. A formação faz-se na “produção”, e não no “consumo” do saber”. A construção do conhecimento científico em sala de aula dar-se mediante as verbalizações das maneiras como os alunos vão se manifestando, através dos objetos que eles manipulam, dos experimentos de pensamento, sendo uma construção de conhecimento coletiva e as interações entre professor-aluno, aluno-aluno, muitas vezes de cunho teórico e outras tantas utilizando os mais diversos experimentos.

O conhecimento científico está por todos os lados, porém muitas vezes parece estar distante da realidade de muitas escolas. A escola deve ser um lugar de humanização do sujeito, de inserção na sociedade, auxiliando na formação de valores, na relação com o ambiente e com as outras pessoas. A produção de conhecimento científico em sala de aula promove a inserção do sujeito na sociedade e mais do que isso, forma-os para que sejam capazes de analisar de forma crítica o mundo a sua volta. O conhecimento científico é profícuo para o desenvolvimento pessoal de todos os atores da comunidade científica, tais como: os professores, os pesquisadores, alunos e profissionais e o fruto dessas relações geram um arcabouço teórico e aplicado nas áreas do conhecimento, mesmo diante dos desafios para o desenvolvimento do conhecimento científico.

O presente Memorial de Formação teve como objetivo apresentar e descrever a minha trajetória pessoal e educacional para a construção docente, evidenciando a sala de aula no contexto

¹ Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal do Programa de Pós-graduação da Rede Bionorte vinculada à Universidade Federal do Pará (UFPA); Mestra em Ciência e Tecnologia de Alimentos (UFPA); Bacharela em Química (UFPA); licenciada em Química pela Universidade de Uberaba (UNIUBE-MG).

² Mestrando em Geografia do Programa de Pós-graduação em Geografia vinculada à Universidade Federal do Pará (UFPA); Especialista em Gestão de Cidades e Sustentabilidade pelo Núcleo de Meio Ambiente (NUMA-UFPA); Bacharel em Geografia (UFPA).

da produção de conhecimento científico. Os tópicos desenvolvidos foram: 1) Histórias de vida - histórias de construções; 1.1) O processo de escolha da docência; 1.2) A construção cotidiana da profissão docente. Foi necessário o aprofundamento nas lembranças de momentos saudosos, em um itinerário que envolveu memórias, experiências, desafios e reflexões visando resgatar momentos importantes, com a finalidade de escrever sobre a minha história de vida, tendo um pensamento direcional dos motivos que me levaram à escolha da profissão docente, entendendo que a docência é uma parte essencial para a produção de conhecimento científico.

Histórias de vida - Histórias de construções

“Contar é muito dificultoso, não pelos anos que já passaram, mais pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança de vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho, que nem se misturam (...) têm horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recentes datas” (Guimarães Rosa).

Escrever este Memorial de Formação foi muito “dificultoso”, mas foi uma oportunidade para o amadurecimento pessoal e profissional, tarefa que exigiu “pá e músculos”, “pá” para escavar as lembranças e “músculos” para ter forças nesse grande desafio do resgate cronológico dos momentos vividos ao longo do tempo, momentos que colaboraram diretamente ou indiretamente para a construção da profissão docente.

Tenho 31 anos de idade, solteira, nasci às 18:30 do dia 4 de setembro de 1991 no Hospital Santa Casa de Misericórdia, na cidade de Belém no Estado do Pará. Cresci em uma família tradicional, composta por meus pais, o Sr. Antônio Carlos Lima Sobrinho (*in memoriam*) e a Sra. Delcy de Fátima Guimarães Sobrinho, que se autodeclaravam ser “semi-ignorantes e semi-analfabetos”, porém foram os meus primeiros mestres, ensinaram-me a pedagogia do amor, do caráter e do trabalho, além deles, meu irmão mais velho Alexandre Carlos Guimarães Sobrinho atualmente é Graduado em Geografia, especialista em “Gestão de Cidades e Sustentabilidade” e Mestrando em Geografia todos títulos concedidos pela Universidade Federal do Pará e meu irmão mais novo, Alexsandro Carlos Guimarães Sobrinho que é Sargento da Marinha do Brasil e Pedagogo pela Universidade Federal do Pará.

Minha trajetória na sala de aula teve início aos 3 anos de idade no ano de 1994, ingressei na já extinta escola infantil “Centro Educacional Santa Anastácia”, era uma escola particular, na qual realizei a minha alfabetização até a 4ª série do primário. Destaco aqui uma pessoa que marcou meu itinerário durante esse período, a minha diretora e professora a “Tia Edinete”, o típico modelo de pessoa rígida, mas amorosa como educadora, sendo ela a responsável por despertar-me a

curiosidade sobre o conhecimento científico, ela tinha um profundo respeito com os alunos, promovendo-os a arquitetos do saber e promotores para o seu desenvolvimento em uma parceria constante educando na espiral ensino – aprendizagem – ensino. Perdi o contato com ela, mas como professora a “Tia Edinete” era como diz a citação da psicóloga Anita Woolfolk em seu livro *Psicologia da Educação*:

Os professores são a melhor fonte de ajuda para os alunos que enfrentam problemas emocionais ou interpessoais. Quando os alunos têm uma vida familiar caótica e imprevisível, eles precisam de uma estrutura firme e atenta na escola. Eles precisam de professores que estabeleçam limites claros, sejam consistentes, apliquem as regras firme, mas não punitivamente, respeitem os alunos e mostrem uma preocupação genuína com o seu bem-estar. Como professor, você pode estar disponível para conversar sobre problemas pessoais sem exigir que seus alunos o façam. (WOOLFOLK, 2000, p.47).

Tenho algumas lembranças sobre essa minha escola, naquela época, a escola tinha um muro baixo que a cercava e um portão de madeira que fechava com o auxílio de um pedaço de madeira, e por ser assim a “segurança” da escola, eu acabei fugindo. Eu caminhei umas três ruas até chegar em casa, eu tinha um pouco mais de quatro anos de idade, apesar do susto que a minha mãe levou ao me ver no portão de casa e depois da bronca que ela me deu, a “fuga” oportunizou uma cobrança por parte da minha mãe em relação a segurança da escola, minha mãe solicitou que a escola providenciasse as adequações do muro e do portão, caso contrário, ela tomaria as devidas providências, diante da situação, a diretora atendeu ao pedido e permaneci na escola.

Durante a quarta série, lembro-me das brincadeiras com meus colegas de sala, a brincadeira favorita era “bandeirinha”. A brincadeira consistia em dividir os participantes em dois times, cada time tinha a sua respectiva bandeira, o objetivo da brincadeira era passar para o campo adversário e pegar a bandeirinha, para isso era necessário estratégia e velocidade, tendo como ponto chave não ser pego, ou seja, não ser “congelado” ao passar para o campo adversário, e caso isso acontecesse o integrante do time deveria permanecer estáticos até que viesse um companheiro de equipe para “descongelar”. Para vencer a brincadeira, a equipe deveria pegar a “bandeirinha” da equipe adversária e trazer em segurança para o seu campo.

Ao final da quarta série e sem nenhuma reprovação, meus pais começaram a procurar por vagas em escolas públicas para que eu continuasse os estudos, pois na escola onde eu estava não tinha a quinta série, além disso, meus pais estavam sem condições de financiar meus estudos em uma escola particular. Foram longas madrugadas que minha mãe passou em filas para conseguir vagas em uma escola pública, madrugadas cansativas, pois minha mãe trabalhava como vendedora ambulante, ela vendia todos os dias cachorro-quente e o meu pai trabalhava como motorista de taxi, saindo todos os dias e chegando de madrugada com a minha mãe, eles faziam um esforço tremendo para que meus irmãos e eu estudássemos.

Finalmente minha mãe conseguiu duas vagas em uma escola pública, para meu irmão mais velho e eu na “Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Tiradentes I”, estudamos da quinta até a oitava série. Vivi momentos importantes e experiências inesquecíveis nessa escola, momentos em sala de aula, observando os professores e aprendendo as matérias, brincando as brincadeiras próprias da idade com os colegas de turma, era uma época feliz, curtíamos a juventude da inocência, o momento do recreio era o momento mais esperado, quando a senhora que servia a merenda, a qual chamávamos carinhosamente “merendeira”, tinha dias que ela nos servia suco de uva e bolachas, macarrão com salsicha, e em momentos raros, açaí com tapioca. Nos dias em que a merenda era menos atrativa, a cantina da escola era a nossa parada e com apenas um real conseguíamos comprar um “pirosk” e um suco da nossa preferência, era como estar no “paraíso”.

No último ano de ensino fundamental já cursando a oitava série, passei por momentos de muitas alegrias mais também de frustrações. Durante esse período tive uma professora de língua portuguesa que me marcou negativamente, com “práticas pedagógica” controladoras e com um “ensino” baseado na repetição. As repetições consistiam na elaboração de redações sobre o “Arquipélago de Fernando de Noronha”. Ao final da elaboração das redações levávamos para ela corrigir, e de alguma forma ela sempre encontrava algum “erro” na escrita da redação e exigia que reescrevêssemos toda a redação, mas ela nunca dizia onde o tal “erro” se encontrava, então, tínhamos que “descobrir” onde estávamos errando, perdíamos longas horas repetindo o texto. O “ensino” dessa professora era claramente uma perspectiva pedagógica tradicional, ela considerava os alunos como meros receptores de tudo, desvalorizando a personalidade e o senso crítico dos alunos. É como diz o educador Antoni Zabala:

A perspectiva “tradicional” atribui aos professores o papel de transmissores de conhecimentos e controladores dos resultados obtidos. O aluno, por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender e o exercício entendido como cópia do modelo até que seja capaz de automatizá-lo (Antoni Zabala, 1998, p. 89).

O método tradicional não contribui para o desenvolvimento do conhecimento científico dos alunos, ao contrário acaba na maioria das vezes desanimando alunos no processo de ensino-aprendizagem, conforme afirma Andrade (1999, p. 3): “[...] trazendo essa vivência para hoje, percebo que a escola me proporcionou um imenso prazer em frequentá-la, o que, nos dias de hoje, muito pouco se vê. Hoje, parece que os alunos vão para a escola, na maioria das vezes, desanimados, sem vontade de lá está”. Ao mesmo tempo teve um lado bom, pois tive professores que valorizavam as opiniões dos alunos, apresentando uma didática diferenciada, buscando o melhor aproveitamento no estudo, estimulando o interesse dos alunos pelo conhecimento, trabalhando os conteúdos de uma forma agradável e que alcançasse o desenvolvimento cognitivo

desejado, distanciando-se do método tradicional e visando a melhores rendimentos na aprendizagem, entendendo a educação como uma necessidade fundamental na vida, conforme afirma Da Silva (2012):

Educação é crescimento contínuo, ampliação, estímulos, busca de identidade, conhecimentos formais, informais e inovação. Através destas perspectivas, os professores estão em uma busca constante de alternativas para que a aprendizagem seja significativa e para que os alunos identifiquem a educação como uma necessidade fundamental na sua vida, para o desenvolvimento cultural e profissional.

Processo de escolha da docência

Mesmo em meio a algumas dificuldades, consegui concluir o ensino fundamental, chegando a hora de embarcar para o ensino médio, meus pais decidiram me matricular em uma escola particular o “Colégio Impacto”, para que eu cursasse o ensino médio (1º ao 3º ano), eles acreditavam que a escola particular era a melhor opção naquela época. Apesar da pouca instrução, meus pais sempre se preocuparam com a questão da educação. Nessa escola tive meu primeiro contato com a disciplina de Química, o que me proporcionou um interesse e entusiasmo nessa nova realidade, pois tive professores que adotavam ferramentas que auxiliavam na construção do conhecimento científico. Acredito que esses professores se inspiravam na afirmativa: “A presença da Química no dia a dia das pessoas é mais do que suficiente para justificar a necessidade de o cidadão ser informado sobre ela” (SANTOS; SCHNETZLER 2010, pág. 15). Fomentando o conhecimento científico para uma leitura crítica de mundo, de forma que fosse possível o lidar com os desafios que envolvessem a tomada de decisões. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM, 1999):

O aprendizado de Química no ensino médio “[...] deve possibilitar ao aluno a compreensão tanto dos processos químicos em si, quanto da construção de um conhecimento científico em estreita relação com as aplicações tecnológicas e suas implicações ambientais, sociais, políticas e econômicas. Dessa forma, os estudantes podem “[...] julgar com fundamentos as informações advindas da tradição cultural, da mídia e da própria escola e tomar decisões autonomamente, enquanto indivíduos e cidadãos (BRASIL, 1999, p. 31).

Durante o meu ensino médio, as seleções para os vestibulares das universidades públicas eram feitas em etapas (sendo três no total), então, ao final do primeiro ano do ensino médio fiz a minha primeira seleção nas universidades públicas (Estadual e Federal) passando nessa primeira etapa. No segundo ano de ensino médio eu já estava me sentindo desanimada devido algumas dificuldades do processo de aprendizagem, mas ao final do segundo ano do ensino médio fiz a segunda etapa para as universidades públicas e fui aprovada. No terceiro ano de ensino médio foi

um ano que tive que decidir o curso na instituição pública que eu faria caso eu obtivesse êxito nas provas dos vestibulares.

Ao final do terceiro ano de ensino médio fiz a prova, porém infelizmente não obtive nota suficiente para aprovação do vestibular, foi um momento de muita frustração, pois eu não vi se configurar naquele momento a possibilidade de cursar uma universidade pública, eu já havia imaginado meu nome no listão sendo anunciado pelo rádio. Mesmo com essa decepção tive o incentivo da minha família para não desistir dos estudos, então, acabei fazendo um ano de cursinho preparatório para o vestibular, ao final desse ano, fiz a prova e passei no vestibular no curso de Química pela Universidade Federal do Pará (UFPA), foi um momento de muita alegria, ver meu nome no listão e ouvi meu nome no rádio, meus pais e irmãos estavam emocionados, ovos foram quebrados na minha cabeça, mas eu apenas senti o cheiro da vitória da educação.

Construção cotidiana da profissão docente

“A formação do professor é algo que deve ser construído com muita paciência, passo a passo” (Madalena Freire).

Na construção da profissão docente é essencial a mediação no processo de ensino-aprendizagem de forma comprometida e atuante em prol da sociedade, construindo pontos para o conhecimento, fazendo o uso de práticas pedagógicas eficientes e que reflitam a autonomia pedagógica, de forma democrática, cidadã e integrada, com a premissa de que a educação é um direito universal e obrigatório, além da utilização de métodos que contornem as dificuldades na educação e que auxiliem os alunos em sua formação, estimulando o pensamento crítico e autônomo, proporcionando uma visão de mundo que foge ao tradicional, fazendo a diferença ao entender que cada aluno é diferente do outro e com potencialidades e assim será possível a formação de uma sociedade crítica e pensante.

Acredito em uma educação que vai além do discurso ou do laboratório, defendo que ela deve ser vivenciada de forma plena, com uma formação mais humana e que não se limita a transmissão do conhecimento e ao desenvolvimento de um currículo, mas de um compromisso e respeito pela educação, seja nessa geração ou na futura, estimulando o espírito criativo e crítico do aluno para o desenvolvimento do conhecimento científico. O conhecimento científico é extremamente importante para a sociedade, pois é a partir dele que é possível a transformação social e tecnológica, além de consolidar o saber, desafiando as estruturas cristalizadas, tidas como verdades absolutas, de forma libertadora, que desperte o interesse, sem competições ou autoritarismo, sem preconceitos e mesmo com os obstáculos deve manter a esperança, inspirando vidas e ajudando no desenvolvimento cognitivo, mesmo que a realidade não seja a ideal deve-se

manter a imaginação e um espírito incansável em mudar realidades, pois acredito que a sala de aula é o preâmbulo de todo o conhecimento científico e à docência é o caminho nesse processo.

Considerações finais

[...] para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades. (JOSSO, 2004, p. 47-48).

Nesse sentido, a partir da narrativa das histórias de construções, do processo de escolha da docência e da construção cotidiana da profissão docente, compartilhei a minha história familiar, escolar e de minhas experiências em sala de aula, ambiente que acredito ser o início do conhecimento científico. É necessário interesse de todos para superar os desafios do desenvolvimento do conhecimento científico, pois os desafios são transponíveis e servem para desenvolver a “musculatura social” e garantir benefícios sociais tais como: equidade; humanidade; justiça, formação de cidadãos críticos, dentre outras coisas que desenvolvem uma sociedade. Essa reflexão deve ser permanente, pois o processo educativo é coletivo e articulado a outros espaços, atuando em um contexto social amplo de forma que todos devem participar e serem alcançados.

Referências

- ANDRADE, C. P. de. **As idas e vindas na formação do professor**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Parte III – Ciências da natureza, matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEMP, 1999.
- DA SILVA, A. A. A Construção do Conhecimento Científico no Ensino de Química. **Revista Thema**, 9(2), 2012.
- JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.
- SANTOS, W. L. P.; SCHNETZLER, R. P. **Educação em Química: Compromisso com a cidadania**. 4ª Edição. Editora Unijuí. Ijuí, RS, 2010.
- WOOLFOLK, A. E. **Psicologia da Educação**. 7ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- ZABALA, A. As relações interativas em sala de aula: o papel dos professores e dos alunos. In: **A prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.